

Alembrar: Fotopinturas Como Objeto de Valor Sentimental Para o Sertanejo Cearense.¹

Antonio Leonardo de Sousa REIS²
Maria Daiana Almeida dos SANTOS³
Ricardo Jorge de Lucena LUCAS⁴
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente resumo, busca desenvolver a recordação do retrato pintado que se perdeu na memória e que também faz parte da cultura popular cearense. O sentimentalismo que são atrelados a fotopintura e a memória da perda, são pontos fundamentais para o desenvolvimento da fotopintura no interior do Ceará. Além de abordar o processo de modernização da técnica e de sua trajetória, quando falamos de registro de memórias afetivas entre o indivíduo e o coletivo. O valor emocional e o conhecimento técnico são marcas do existencialismo de registros que encontramos atualmente e que se modificam constantemente com o repasse da técnica pela gerações. A fotografia atravessou o século, e hoje é um dos maiores meios imagéticos de registro. Neste artigo, a fotografia e a pintura são unidas para formar um material com grande carga afetiva e tradicional do interior do Ceará, a fotopintura. Emoldurados e pendurados nas paredes das casas, as fotopinturas trazem em sua essência o registro da imagem de pessoas da mesma família que perpassa pela memória, tempo e espaço (RICOEUR, 1994; BACHELARD, 1994; HALBWACHS, 2006). As memórias enraizadas em fotopinturas ainda fazem parte do cotidiano de muitos cearenses, mesmo com o desenvolvimento tecnológico e o avanço cultural das gerações. Materiais fotográficos têm sido preservados como objeto de valor sentimental que remete a um tempo de nossos avôs e avós, trazendo marcas de saudade, de perda e do passar do tempo. A produção de objetos como a fotopintura no interior ficaram escassos e a técnica passou por adaptações e novos sentidos devido a modernização. Os registros de fotopinturas nos últimos anos se modernizaram e saíram do cavalete para dar origem a imagens digitais no photoshop. A fotopintura que vemos

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Graduado em Comunicação Social Jornalismo da UFC, email: antonioleonardo87@gmail.com.

³ Graduada em Comunicação Social Jornalismo da UFC, email: daianaalmeida688@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFC, email: ricardo.jorge@gmail.com

hoje se origina de duas diferentes fontes, da base da tinta, como um retrato pintado no momento em que se posa para a foto e o artista a produz manualmente ou de uma foto digitalizada antiga ou recente em que é tratada, restaurada e usado a tinta digital de programas como o photoshop ou aplicativos de edição. O Processo de fotopintura foi inventado pelo francês André Adolphe Eugène Disdéri, em meados de 1863, a fotopintura é obtida a partir de uma base fotográfica sobre a qual o artista aplica as tintas de sua preferência sobre a tela, sejam elas tintas sólidas ou digitais. Desde tons de pele mais claros a tons mais retintos, a construção do retrato pintado é a realidade realçada sobre a tinta. A técnica foi se desenvolvendo ao longo dos anos e se inseriu em um contexto em que a apreciação pelo antigo é considerado arte. O fazer artístico da fotopintura se torna comum do ponto de partida em que se é ensinado a técnica para os mais novos e deles a expansão de ideias e possibilidades é reinventada e inserida em seus cotidianos, conceitos culturais e aspectos sociais. Uma tradição de geração que modifica e ressignifica os padrões estéticos das artes visuais. A representação imagética do eu, desde o retrato até as selfies na atualidade, são imagens representativas do ser humano e do avanço tecnológico e cultural. Um perfil único da imagem seja ela real ou editada, alterada, ainda continua como uma representação de suas fisionomias humanas, da cultura em que foi exposta e de crenças sociais que foram estabelecidas ao longo do tempo. A construção da imagem é do princípio da captura do momento, a construção do retrato está ligada à noção de tempo e de espaço, ou seja, a memória integra uma ramificação dinâmica de símbolos e imagens (ECKERT e ROCHA, 2005) para que o produto final possa existir como uma cópia ou quase cópia do real, um espelho entre a realidade e a representação do real. A partir da consolidação da fotografia no século XX, transformações no registro pessoal do eu e da reprodução de imagens de personalidades e familiares se modificaram. Com a revolução industrial, o retrato se popularizou em diferentes camadas da sociedade, podendo dissolver novos hábitos para o consumo em geral. O retrato no Brasil aconteceu na década de 1930 em algumas capitais brasileiras, nos foto-estúdios, onde produzia retratos e fotos para documentos. No começo dos anos 1950, a introdução do papel a cores e da película, proporcionou que a técnica da fotopintura fosse menos disseminada entre a população. A partir da consolidação das leis trabalhistas, o retrato tornou-se uma obrigação na aquisição de fotos 3x4 para a documentação. A fotopintura, como retrato pintado, nasce como a necessidade de

ajustes nas imagens para melhorar seus aspectos visuais e fomentar a comercialização como um produto. Além disso, retoques, alteração de imperfeições ou acréscimo de outras variantes que possam proporcionar destaque, beleza aos olhos estão sendo cada vez mais desenvolvidos na arte. Na produção em artes plásticas a fotografia e a pintura juntas reiteram valores da própria produção do retrato, atrelando novos sentimentos e objetivos para as imagens. Quando o retrato se torna produto, a técnica da fotopintura deixa de transmitir o sentimento essencial e passa a se tornar uma técnica comercial e de grande prestígio para a arte e para a auto imagem do eu. O passar do tempo e as novas formações familiares trouxeram novos contextos para a inserção da fotopintura em casas no Ceará. Em meios culturais tradicionais para indivíduos que nasceram e se criaram no interior do Ceará, a presença de uma fotopintura pode representar uma trajetória de vida e de ações que fazem parte do cotidiano de quem as guarda. A própria cultura de quem contribuiu para aquele grupo de indivíduos e que ficou preservado em forma de memória em uma imagem estática em uma parede da sala. A recordação sensorial, nas fotopinturas, se refere ao visual, ao que se consegue ver com os detalhes de cores e da fisionomia humana. A memória chega a partir do momento em que se associa a imagem do que vemos ao que temos construído imagneticamente das nossas lembranças. São associações simples, desde a cor da roupa até traços do rosto, como o sorriso, cores dos olhos, o cabelo, a presença de barba e a estrutura do nariz. De forma ampla, a construção do significado de uma fotopintura está para além do que vemos. A presença física do retrato é mais do que se mostra na imagem. Temos o retrato como ponto de interseção entre o real, em que a representação da figura humana pode se fazer presente (viva) ou ausente (falecida). O sentimento de perda, sendo este efêmero, porém ressurgente de forma proporcional ao que temos presente em nosso dia a dia e que nos faz lembrar da presença real do indivíduo. Deste modo, a presença visual constante retoma memórias de vivências reais e retoma o sentimento de perda. No princípio, a perda pode ser atribuída a dor e ausência do que se fazia presente, para isso a fotopintura surge como um reconstrutor de memórias de perda, mas que trazem lembranças de momentos, sejam estes felizes, tristes ou outros sentimentos marcantes na trajetória de vida do sertanejo. A relação entre o indivíduo e o coletivo chegou no início do século XX, com o sociólogo Maurice Halbwachs com a ruptura do conceito existente de memória. A associação da palavra vinha do indivíduo e o caminho seria o biológico, mas com a

ruptura de Halbwachs aspectos sociais foram introduzidos e a memória também passou do individualismo para o coletivo. Ao registrar o retrato de um falecido, o objeto busca retomar lembranças sejam elas individuais ou vivenciadas de forma coletiva. Sendo exposta, a fotopintura como memória afetiva, interfira de modo direto quem a veja, despertando lembranças em quem a visualizar. Em linhas gerais, o presente resumo trouxe as várias perspectivas em que a fotopintura é inserida em um contexto atual e diverso. Em termos visuais, a arte de sobrepor a tinta sobre a fotografia tornou-se uma técnica bastante precisa e elitizada aos olhos de apreciadores de arte. Mesmo com o avanço tecnológico a fotopintura ainda se faz presente no interior do sertão cearense e suas imagens ainda são repassadas de geração em geração. O retrato material, a fotopintura, nasceu com a essência de registro e continua a marcar passagens familiares no interior. A memória sendo esta passageira e cíclica, proporciona lembranças do que existe ou existiu, recorrendo a sentimentos diversos. Hoje, ainda se encontram fotopinturas no interior, mas a técnica deixou de ser o principal meio de registro dando um maior espaço para a fotografia. O pouco material que se encontra ainda é guardado e sob cuidados para que a preservação da memória visual possa estar presente até o momento em que a imagem desapareça pela quantidade de tempo exposta. A memória afetiva se faz presente, mesmo com novos registros da imagem, os ensinamentos de raízes de gerações passadas se fixaram e fazem com que a fotopintura permaneça viva e mantenha a memória como preservação de uma cultura estabelecida com o tempo, seja ela de um único indivíduo ou de uma coletividade a sua volta.

PALAVRAS-CHAVE: memória; fotopintura; perda; interior; Ceará.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo M. Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade** (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. A República, Lisboa: Edições 70: 13, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. 3a. edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Vol.I. São Paulo, Papiros, 1994.

TELES, Gilberto M. **O lu(g)ar dos sertões**. Periódicos UFMS, Mato Grosso do Sul, 2021.